

Ultramaratona: em busca do limite humano

Ultramarathon: in search of the human limit

COICEIRO GA, COSTA VLM. Ultramaratona: em busca do limite humano. **R. bras. Ci. e Mov** 2010;18(3):21-28.

RESUMO: Os esportes de aventura e risco extremo são uma realidade, e a cada dia a essas práticas vão aderindo novos adeptos, como é o caso da ultramaratona. O que chama a atenção é o desgaste físico e mental provocado nesses “ultra” corredores, tornando essas práticas indicadas para poucas pessoas. Identificar os sentidos e significados que se apresentam nos discursos de praticantes de ultramaratona. Estudo com abordagem de pesquisa qualitativa. Como instrumento para coleta de dados adotou-se uma entrevista semi-estruturada aplicada a sete participantes brasileiros de ultramaratona. Dentre as marcas imaginárias que emergiram dos discursos, destacamos os sentidos de limite, desafio, superação e imortalidade. Conclusão: Os depoimentos dos sujeitos de nosso estudo sugerem que há um jogo com o risco, de forma que o indivíduo possa se afirmar diante da sociedade e mostrar o seu valor. Ao que parece os praticantes de ultramaratona buscam ser únicos na realização de determinado feito, pois vêem o valor agregado à façanha como algo muito alto, e conseguido à custa de muito engajamento. É preciso alcançar uma marca simbólica.

Palavras-chave: Ultramaratona; Imaginário Social; Esportes de risco extremo; Limite humano.

ABSTRACT: The sport of adventure and extreme risk is a reality, and every day this practice keeps joining new practitioners, such as the ultramarathon. What calls attention is the physical and mental stress brought to these ultra runners, making this practice indicated to a few people. Identifying the senses presented in the speeches of ultramarathon practitioners. Based on a study of qualitative research approach. As a tool for data collection, a semi-structured interview with seven participants of Brazilian ultramarathons was adopted. The method of speech analysis was proposed by Orlandi (2001). Among the imaginary marks that emerged from the speeches, the meanings of limit, challenge, resilience and immortality are highlighted. The statements by the participants of our study suggest that there is a game with the risk, so that the individual can self-assert to society and show his/her value. That is why the practitioners of ultramarathon try to be unique in carrying something out because the value of achievement is very high and reached through hard engagement. A symbolic mark must be achieved.

Key Words: Ultramarathon; Social imaginary; Sports extreme risk; Human limit.

Geovana A. Coiceiro¹
Vera L. de M. Costa²

¹Programa de Pós-Graduação da
Universidade Gama Filho
(PPGUGF), Rio de Janeiro, RJ
²Programa de Pós-Graduação da
Universidade Gama Filho
(PPGUGF), Rio de Janeiro, RJ

Enviado em: 18/08/2010
Aceito em: 21/02/2011

Contato: Geovana Alves Coiceiro - geovanacoiceiro@gmail.com

Introdução

Quais são as possibilidades do organismo humano? Se nos detivermos nas duas corridas mais esperadas do atletismo, o que dizer de atletas que percorrem os 100 metros rasos em 9.58 segundos, atingindo uma velocidade máxima de 40 km/h, ou mesmo de maratonistas que completam os 42.195 metros em 2h:03:59s? Essas duas provas já constituíram os dois extremos em termos de distância no atletismo, ou seja, os 100 m como sendo a corrida mais rápida, e a Maratona, a mais longa. Hoje, já não podemos ver dessa forma, pois temos a ultramaratona. Mas o que é uma ultramaratona? Poderíamos dizer que esses atletas não vêem mais emoção nos 42.195 metros da maratona, e por isso buscam distâncias cada vez maiores e mais difíceis?

A ultramaratona é uma prova de corrida cuja distância excede os 42.195 metros da famosa maratona. Pode variar de acordo com uma determinada quilometragem ou um limite de tempo. As distâncias mais comuns a serem percorridas são 50 quilômetros, 50 milhas, 100 quilômetros, 100 milhas. Dentre as ultramaratonas mais comuns disputadas por tempo, temos 6, 12, 24, 48 horas e eventos *multiday* (disputados em vários dias).

É interessante ressaltar que a ultramaratona pode ser feita em locais como uma pista de atletismo, por bosques, e até mesmo pelas ruas da cidade. Há também disputas feitas em locais onde as condições ambientais serão muito ou totalmente desfavoráveis para a prática da corrida: calor de 60°C, frio abaixo de 0°C, altitude de 3.000 metros, aplane, declive, são alguns exemplos daquilo que dá a essas provas a qualificação de extrema resistência. Podemos dizer que estamos diante de uma contradição, de um contra-senso, de uma incoerência, ou mesmo diante de um absurdo. Pois, se já não bastasse correr por muitas horas, ou mesmo dias, esses atletas também se submetem a condições sub-humanas.

A origem das corridas de longa e de ultradistância deu-se na Grécia Antiga, com os *Hemerodromoi*, soldados que eram utilizados como mensageiros de guerra percorrendo distâncias que poderiam chegar a 500 km¹². Segundo Noakes²¹, as corridas de ultradistância passam a

virar competição, na Inglaterra, por volta do final do século XVIII. O autor²¹ cita alguns pioneiros e suas respectivas façanhas no que tange às corridas de ultradistância. O britânico Capitão Barclay, em 1806, percorreu 160 km em 19 horas; no ano seguinte, correu 1 milha em cada hora, durante 1.000 horas (41 dias e 16 horas), recebendo a premiação de 16.000 libras esterlinas. O americano Edward Payson Weston é outro pioneiro nesse tipo de competição: em 1861 correu a distância de 713 km que separa as cidades de Boston e Washington-DC, para assistir à solenidade de posse do Presidente Lincoln; em 1867, percorreu 2.135 km entre Portland e Maine; em seguida, estabeleceu como sua próxima meta ultrapassar os 800 km em 6 dias ou 144 horas, conseguindo tal feito na sua terceira tentativa e recebendo como prêmio um belo relógio de ouro e o título de Campeão Pedestre do Mundo.

As corridas de ultramaratona passaram por um período de esquecimento, do final do século XIX até a década de 1970 quando ressurgiram com novas provas. Dessa vez o objetivo é mais amador, e a maioria das pessoas acabava o percurso pelo puro prazer de completar o desafio. Foi dessa forma que as mais emblemáticas provas de ultra-resistência que conhecemos hoje surgiram, tais como a Ultramaratona do Vale da Morte; Sparthatlon, 4 Deserts, composta por quatro provas disputadas em locais inóspitos, tais como a Gobi March, na China; a Sahara Race, no Egito; The Last Desert, na Antártica; e Atacama Crossing, no Chile; A Marathon des Sables, dentre outras.

Essas provas de ultramaratona cresceram tanto que nos dias atuais existem no mundo todo, especialmente na Europa e Estados Unidos, cerca de 1.000 corridas¹, das mais variadas distâncias, nos mais variados tipos de terrenos, sob diferentes condições ambientais, mas com um detalhe, as premiações em dinheiro não são tão altas como no passado.

No Brasil atualmente, algumas provas estão movimentando o cenário das corridas de ultradistância: o

¹ Consulta feita no site da International Association of Ultra Runners – IAU (Associação Internacional de Ultramaratonistas) revelou 607 ultras cadastradas no ano de 2005, e 770 ultras cadastradas no ano de 2006. Um crescimento de 26.8% em apenas um ano.

Desafio Praias e Trilhas, o Revezamento Volta à Ilha, a Ultramaratona Corrotododia de 6, 12 e 24 horas, a Super Maratona Cidade do Rio Grande, a Ultramaratona Rio 24H, a Jungle Marathon e a Brazil 135 que fazem parte da BAD 135 World Cup, dentre outras.

Diante de tantos quilômetros percorridos surge uma reflexão sobre as razões que levam um ser humano a se colocar em situação de fadiga extrema, adotando um comportamento que podemos denominar de risco extremo.

Para La Mendola¹⁵ cresce a cada ano o número de pessoas que se colocam em situação de risco por diferentes interesses, e este fato estaria atrelado aos meios de comunicação de massa, que são “uma das principais áreas de elaboração dos sistemas cosmológicos, de construção da imagem do corpo, dos símbolos e das relações nas coletividades”. Para Costa¹⁰, a espetacularização dos esportes de risco gera consumidores dessas atividades, que se tornam protagonistas dos esportes de risco extremo.

La Mendola¹⁵ analisa os sentidos que a palavra risco assume no cotidiano das pessoas que adotam o comportamento de risco; dentre outros: o perigo, a honra, a emoção, a fuga, a confiança, a responsabilidade. Mas o autor ressalta que podemos lidar com dois grupos de pessoas: o grupo que se arrisca, mas que se preocupa com as condições do risco (podemos inserir aqui o grupo que pratica esportes de risco calculado); e o grupo que se arrisca sempre; sem preocupar-se com as conseqüências das suas ações (podemos aqui falar dos praticantes dos esportes de risco extremo). Para este último grupo, podemos acrescentar mais um sentido à palavra risco: a ordália², que foi explorada por Le Breton¹⁶ em seu livro *Passions du risque*. O comportamento ordálico pode ser verificado em algumas profissões, como os dublês e os bombeiros; nos adolescentes, a anorexia, a bulimia, as drogas diversas. Mas também vamos encontrá-lo nos

esporte de aventura e risco e nos esportes de extremo. Nestes últimos, podemos dizer que a tendência ordálica é aceita socialmente.

Le Breton¹⁶ afirma que quando o sentido da vida escapa, quando tudo é diferente, a ordália é a solução. Ela é a estrutura antropológica que pode, só ela, dar uma segunda chance. Ela metaforiza a morte através de uma troca simbólica em que o indivíduo aceita, para poder tudo ganhar, o risco de tudo perder. E, dessa forma, reafirmar a sua existência. Ao final da ordália o sujeito será acometido por uma felicidade, uma euforia, ou mesmo uma paz, mesmo que por instantes, mas duradoura, que o reconcilia com o mundo. Às vezes, ao final da ordália, o indivíduo pode ter um braço ou uma perna quebrados, alguns congelamentos, algumas amputações, entrar em coma, ou mesmo encontrar a morte. Mas o preço é justo, para a grandiosidade da sua conquista.

A ultramaratona desencadeia um desgaste físico e emocional nos atletas, tanto nos treinamentos quanto nas competições; se não deu tudo de si, então foi pouco. O corpo para esses atletas é o suporte, o simulacro para a realização dos seus desempenhos atléticos. Não há um ideal de beleza no corpo do atleta de ultra-resistência, mas há um corpo que se submete aos treinos diários, e estes podem chegar a 10 horas. Que imagens esses atletas associam aos seus corpos? Como se associam as imagens de rentabilidade e de *performance* nesses sujeitos? Que desejos mobilizam essas ações de ultra-rendimento?

O corpo humano é formado por um complexo de símbolos^{16,18} que não vivem simplesmente, ou seja, eles convivem e interagem com outros corpos, revelando a dinâmica de funcionamento de uma comunidade, de um grupo ou de uma tribo. Que símbolos personificam o corpo dos praticantes de provas de ultra-resistência?

Uma concepção individualista do corpo é, na visão de Le Breton¹⁶, a causa de toda essa mudança de paradigma que dissocia o homem de seu corpo. O isolamento do corpo no seio das sociedades ocidentais testemunha uma trama social em que o homem está separado do cosmo, separado dos outros e separado de si mesmo. Fator de individuação no plano social, no plano

² A ordália é um rito judiciário muito antigo, de conciliação social, que favorece a resolução de uma tensão entre o sujeito e o grupo através do processo “tudo ou nada”. Contudo, a ordália hoje se transformou de um rito social para um rito individual de passagem, onde o indivíduo estabelece uma relação de enfrentamento com a trama social onde ele se insere, no qual adota conduta de risco, muitas das vezes excessiva, na tentativa de enfrentar simbolicamente a morte para garantir a sua existência.

das representações, o corpo está dissociado do sujeito e é percebido como um dos seus atributos. O autor complementa, se “a existência se reduz a possuir um corpo à maneira de um atributo, então, com efeito, a própria morte não tem mais sentido, ela não é mais do que o desaparecimento de um ter, isto é, é pouca coisa” (p.22). Nessa colocação Le Breton deixa claro que mesmo o medo da morte que assolou o ser humano ao longo da sua existência, hoje está banalizado.

Em artigo denominado “Playing symbolically with death in extreme sports”¹⁷, Le Breton coloca que na sociedade atual, à qual se refere como *present-day* (presenteísta), constata-se que os pontos de referências são incontáveis e contraditórios, e os valores estão em crise. Dessa forma, as pessoas estão procurando relacionar-se consigo mesmas, testando sua força de caráter, sua coragem e seus recursos pessoais nessas provas de resistência extrema, onde a única competição é ir de encontro ao *oneself*, assim reforçando seu poder pessoal. Para o autor há um dualismo, mas não o do corpo versus a alma, mas sim do homem versus o corpo, uma vez que limite moral está sendo substituído pelo limite físico, onde o sofrer e o superar modelam a vida desses indivíduos, fornecendo um significado e um valor renovados.

A resistência física, a força, os treinamentos, a dor, a morte, os limites corporais^{2,14} vão avançar contra o corpo dos atletas de ultra-resistência, fazendo com que tenham o controle da situação, o controle de seus corpos, permitindo a realização de *performances* inacreditáveis. O corpo, em seus excessos, condiciona o atleta a uma existência digna dos anseios de sua vontade. “Você quer treinar para uma prova de ultra-resistência? Então faça! Mas não esqueça: treinar o corpo ao limite de suas possibilidades é a regra número 1. Está preparado para sentir essa emoção?”³.

Pois bem, desvendar os corpos pulsantes desses atletas se constitui em um recurso instigante para se conhecer como esses seres “ultra-humanos” se

comportam em relação ao seu corpo e à sociedade pós-moderna.

Diante do exposto acima, o presente estudo trata da participação masculina nos esportes de risco extremo, nos quais os atletas praticantes das provas de ultramaratona percorrem um caminho desafiador, induzidos à exaustão das suas capacidades físicas e mentais. Partindo dessa idéia, nosso objetivo central é identificar os sentidos e significados que se apresentam nos discursos de praticantes de ultramaratona.

Materiais e métodos

Como estratégia metodológica o presente estudo realizou-se através da abordagem de pesquisa qualitativa. O instrumento de coleta de dados adotado foi uma entrevista semi-estruturada com sete participantes brasileiros de ultramaratona. Para análise e discussão das respostas utilizou-se o método de análise do discurso proposto por Orlandi²².

Para esse estudo os ultramaratonistas contribuíram com o relato de suas experiências que nos possibilitou desvendar seu cotidiano. Em seus discursos abre-se um leque de informações que procuramos penetrar no que eles oferecem de mais pessoal. Caminhamos na busca de pistas que pudessem revelar as marcas imaginárias constituintes do discurso dos praticantes das provas de ultra-resistência, para dessa forma elucidar alguns questionamentos, tais como: O que leva o ser humano a percorrer longas e intermináveis distâncias correndo? Ultrapassar limites por quais motivos e para quê?

Discussão

O mapeamento das marcas imaginárias que emergiram dos discursos permitiu a explicitação dos seguintes sentidos: *self made* atleta, necessidade existencial, imortalidade, sobrevivência, sacrifício, sagrado, limite, desafio, superação, êxtase. Não sendo possível falar de todas essas marcas nesse artigo destacamos algumas às quais podemos acompanhar a seguir.

³ Fala de um atleta anônimo deixada no site www.badwater.com. Acesso em: 15 set. 2009.

A marca discursiva do limite

O limite vai se enunciar diretamente na quase totalidade dos discursos, e, juntamente com os sentidos de desafio e superação, nos revela a atração, ou melhor, o grande fascínio dos informantes pelas provas de risco extremo. Bachelard³ nos seus escritos sobre o herói, já nos ensinava que

A agonia da ultrapassagem das limitações pessoais é a agonia do crescimento espiritual. A arte, a literatura, o mito, o culto, a filosofia e as disciplinas ascéticas são instrumentos destinados a auxiliar o indivíduo a ultrapassar os horizontes que o limitam e alcançar esferas de percepções em permanente crescimento. Enquanto ele cruza limiar após limiar, e conquista dragão após dragão, aumenta a estatura da divindade que ele convoca, em seu desejo mais exaltado, até subsumir todo o cosmo. Por fim, a mente quebra a esfera limitadora do cosmo e alcança uma percepção que transcende todas as experiências da forma – todos os simbolismos, todas as divindades: a percepção do vazio inelutável. (p.178)

A origem do substantivo limite parece estar na Grécia clássica. Aristóteles distinguiu, de forma coerente, os diferentes significados do termo: o ultimo ponto de uma coisa; a forma de uma grandeza ou de uma coisa que possui grandeza; término; a substância ou essência substancial de uma coisa. Para desenvolver o nosso pensamento, tomaremos emprestado o primeiro significado, que hoje é expresso da seguinte forma: “limite é um ponto que não pode ser atingido”¹, e também fronteira, meta, linha de demarcação¹¹.

O limite é uma condição antropológica e vem acompanhando o homem há muitos séculos. Mas a configuração que o limite vem apresentando nas provas de ultra-resistência não é de meta ou fronteira, de chegar próximo ou mesmo atingir essa demarcação. O que presenciamos é o desejo de expandir, superar limites.

“Então a pessoa não tem limite. Por que vai ficar botando limite, se você pode ir além daquilo [...] o que atrai o ultra é o prazer de superar limite... o prazer de eu me superar e [pausa] tudo é diferente” (Talibã).

“Eu sempre estou indo buscar provas que estabeleçam um novo limite para mim [...] o que atrai o ultramaratonista é a quebra dos próprios limites” (Camelo).

“O que atrai o ultra maratonista? É a vontade de ultrapassar limites [...] pois acho que o corpo humano se adapta a tudo, que se treinarmos buscando um objetivo, conseguiremos tudo que desejamos”. (Dromedário)

Será que o limite existe mesmo? Ele é real ou imaginário? Entendemos que os atletas de ultra-

resistência têm nos mostrado que, por mais que haja esforço da fisiologia, da bioquímica, dentre outros ramos do conhecimento, em desvendar do que é possível o corpo humano em condições extremas, é tudo ainda uma incógnita. Como podemos observar, o que move o *ultradistance* é a sua vontade de chegar próximo ao seu limite e contorná-lo, sentir esse momento e vivenciá-lo na sua plenitude. Mas eles falam em ultrapassar o limite! Seria isso possível? A resposta é sim e não. Vamos explicar. O limite que os informantes relatam que é possível tangenciar é o limite físico, e este não pode ser ultrapassado, pois o resultado será a morte do atleta. Mas o limite mental/espiritual não pode ser restringido, pois é indefinido/ilimitado. É dessa forma que os atletas de ultra-resistência alimentam seus sonhos e desejos.

Por mais que pareçam inconcebíveis, ou mesmo um contra-senso, para esses atletas as *performances* de *ultradistance* nada apresentam fora do normal. Com a prática eles tornam-se física e mentalmente fortes, e o que muitos praticantes buscam é exatamente isso. Com esse desenvolvimento mental/espiritual/emocional eles vão adquirir um autodomínio rigoroso para conseguir realizar seus objetivos.

É preciso estar mentalmente forte, pois o corpo vai padecer, vai pedir socorro, vai solicitar que o atleta ceda aos seus pedidos. Muito relatam que mais da metade de uma prova de *ultradistance* é cabeça. Podemos conferir isso nas palavras da “máquina humana” – como Serge Girard é conhecido pelos franceses. Ao atravessar a América do Sul (Lima – Rio de Janeiro, 5235 km em 73 dias, 3 horas e 40 minutos), relatou no seu *site*: “Essa corrida é 80% mente e 20% corpo”⁴.

Este ponto, inclusive, tem feito muitos empresários, ou mesmo pessoas que tenham cargos que envolvem um estresse emocional grande, procurarem a prática dos esportes de ultra-resistência, o que introduz um caráter educacional a essas atividades.

A marca discursiva da imortalidade

A imortalidade vai aparecer de duas formas nos discursos dos praticantes das provas de ultra-resistência.

⁴ Disponível em: <http://www.sergegirard.com> Acesso em 25 set. 2009.

A primeira vai estar atrelada aos feitos, às marcas históricas conquistadas, aquelas que colocam o nome desses competidores em lugares superiores. O reconhecimento de um feito jamais atingido por outros, ou que poucos conseguiram, e que será lembrado por muitos e muitos anos, dessa forma desencadeando na imortalização do atleta e do seu feito.

A outra forma de imortalidade relaciona-se à primeira. Uma vez que esses atletas se propõem a realizar tais desafios, passam a realizar longos e extenuantes treinamentos, que, como já foi visto podem chegar a 10 horas diárias; com todo esse treinamento, se tornarão muito resistentes. E esse é o objetivo: treinar muito para resistir ao cansaço, à dor que o corpo de um competidor de ultra vai padecer, e, dessa forma, adquirir uma ultra condição física. Quanto a esse panorama, surgem algumas inquietantes perguntas: O que pretendem essas pessoas? O que elas querem reivindicar? E, da mesma forma, o que elas querem negar?

Para Campbell⁷ até os dias de hoje “a possibilidade da imortalidade física encanta o coração do homem”. O que esses seres ultra-humanos querem é reivindicar um lugar lá no alto, junto aos deuses e heróis, o lugar dos imortais, pois estes sim é que realizaram as façanhas mais incríveis e, morreram, imortalizaram seus feitos. E o que esses atletas querem negar? Pensamos que esses homens querem negar a sua própria condição de mortal.

“A emoção da ultra é algo inatingível. Só correndo para descrever. É uma sensação de SUPER – HOMEM. Afinal, não é qualquer mortal que consegue correr 24 ou 48 horas!!!” (Pangaré).

Segundo Brandão⁵, “esse privilégio da imortalidade reservada aos deuses [...] dependia de um tipo especial de alimentação: a ingestão do néctar e da ambrosia”, que lhes conferia capacidade, competência, autoridade, virtude para resistir ao tempo e desafiar a morte. A carência do néctar e da ambrosia podia enfraquecer uma divindade. No entanto, esses alimentos não eram uma exclusividade dos deuses e podiam ser oferecidos aos mortais, que, ao se nutrirem com eles, se fortaleciam. Será que os atletas da ultra-resistência serviram-se do néctar e da ambrosia divinos? Será que, ao terem conhecimento de sua fonte, conseguem resistir

bravamente ao tempo, à distância, ao esgotamento de suas forças, e dessa forma também desafiam a morte? Diante dos seus discursos, acreditamos ser o êxtase que vai arrebatá-los os corpos desses atletas e enchê-los de gozo, ao ponto de transbordarem prazer. Esse êxtase, um prazer apolíneo, espiritualizado, além das sensações carnis, nutre corpo e espírito dos atletas, fazendo-os prisioneiros desse bem-estar máximo, dessa realização superior. Ao longo do estudo, assistimos a vários eventos de ultra-resistência, uns ao vivo, outros em vídeo e, esse deslumbramento, que é possível observar ao longo das provas, atinge o ápice quando os atletas cruzam a linha de chegada.

Vale ressaltar que o presente trabalho será mais um estudo sobre aventura e risco em que a morte é silenciada⁵. Mas como? – o leitor deve estar se perguntando. A morte fica silenciada e escondida por trás da busca desses atletas para dar sentido a suas vidas, dessa forma proporcionando a experiência de estar vivo, de renascer. Há a morte simbólica de um homem que se desafiou, que penetrou num túnel obscuro de treinamentos, de sacrifícios e, ao vencer, ultrapassou o portal da imortalidade e desfruta a experiência de retornar ao mundo dos comuns mais forte, mais espiritualizado e assim sentir-se renascido. Observe-se esta fala:

“Eu sei que numa dessas a gente pode não voltar mais. Mas fazer o quê?”. (Cavalo)

Essa experiência não é vivida por esses homens na sua rotina diária. Mas participar de uma prova de ultra-resistência, ou mesmo de um treino longuíssimo, lhes proporcionam a possibilidade de se sentirem vivos. Adotam então a sensação da contemplação monárquica, uma apropriação simbólica da noção de poderio que a vivência lhes imprimiu. Esses heróis lutam contra as trevas para conquistar uma potência. Segundo Bachelard³, tais atores diminuem o mundo para experienciarem o gigantismo de suas fantasias de ascensão, e então se sentem no topo do mundo, com uma força que lhes dá a certeza de que nada lhes será impossível.

⁵ Podemos citar, dentre outros, Coiceiro; Costa (2006)⁹, Costa (1999)¹⁰, Melo (2005)²⁰.

“Quando eu terminei a corrida... foi o dia mais feliz da minha vida. Juro por Deus, eu posso qualquer coisa, mas esse dia não vai sair da minha memória”. (Talibã)

Campbell⁶, em seu livro *O poder do mito* esclarece como os mitos podem nos auxiliar em nossas vidas. E assinala:

Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o elevo de estar vivos.

Estamos percebendo que esses atletas estão em busca de alguma coisa que os projete para uma dimensão macrocósmica do ser inserido no universo, que interage com ele e que faz parte dele. Mas observamos que ao longo dessa busca, na qual os atletas se lançam nas mais variadas e diferentes provas de ultra-resistência, há uma morte corporal simbólica. Ela vai acontecer a cada prova, ou mesmo treino, proporcionando aos atletas uma “experiência de quase morte”⁶.

Entendemos que os praticantes das provas de aventura e risco extremo vão vivenciar essa experiência da morte corporal, e ela vai se dar por causa do desgaste físico exagerado. Vale lembrar que essa morte corporal é imaginária/simbólica, mas que qualquer ultrapassagem de limites de suas capacidades fisiológicas, pode se tornar real. Para Le Breton¹⁷, o que esses praticantes querem é flertar com a morte, tangenciá-la, sem serem capturados por ela. Encontramos respaldo para nossa fala em Garcia¹³, que ao realizar uma vasta e densa pesquisa sobre “O desporto no universo mítico-religioso: os modelos existenciais revelados pela corrida da maratona”, nos diz que,

Ultrapassar essa distância [42.195 metros] é sobreviver, tronca numa definição de sacrifício, numa perspectiva de afastar a morte. A corrida da maratona é, em última análise, uma corrida para a morte. Corrê-la e sobreviver corresponde, simbolicamente, a vencer a própria morte, numa tentativa de concretizar aquilo que Poitu considera o sonho quimérico de uma juventude infinitamente prolongada e de uma morte eternamente afastada [...] Correr a maratona é, assim e acima de tudo, uma vitória simbólica sobre a própria morte⁷.

⁶ Esse termo é usado pelo parapsicólogo norte-americano Raymond Moody para descrever as experiências vividas por pessoas com morte clínica ou que tinham quase morrido. O médico é bastante conhecido por escrever sobre casos que tratam do tema vida depois da morte e experiências de quase morte. Dentre os seus livros mais vendidos podemos citar *Vida depois da vida*, que posteriormente virou filme.

⁷ Ao concluir sua pesquisa, o autor coloca: “Face ao nosso campo teórico do universo do mito que, obviamente, condicionou a interpretação da corrida da maratona, não será descabido afirmar que as quatro grandes questões que foram objectivadas para este trabalho se assumiram como válidas. Parece, desta forma, que na realidade: I - a

Pesquisando sobre a morte, chegamos às suas alegorias, das quais podemos citar: o anjo da morte, a cor negra e o túnel com luminosidade ao fundo⁸. O túnel com luminosidade ao fundo nos intrigou, pois ao lermos e relermos os discursos dos sujeitos deste estudo uma das pistas que se enunciava era uma espécie de passagem, de túnel ou de espiral escuro. E pensamos: as experiências vividas ao longo de uma prova de ultra-resistência são extremamente desgastantes vão se refletir em bolhas, unhas caídas, pés sangrando, assaduras que se tornam grandes feridas, aumento da temperatura corporal levando os atletas a delirar, órgãos paralisados, e outros. Mas tudo isso é esquecido, deixado para trás, e uma nova pessoa se apresenta, renovada, feliz e repleta de êxtase.

O excesso é uma forma de gozo, nos diz Maffesoli¹⁹, e complementa afirmando que esse excesso, esse presenteísmo, esse hedonismo, em suma, esse juvenilismo, vêm contaminando cada vez mais os modos de ser e de pensar do homem pós-moderno. E os nossos informantes não ficam de fora, ao dedicarem suas vidas com avidez ao que foge do tangível de nossas ações, vivendo sem fronteiras, sem limites, sem os ditames de uma vida perfeita e lisa. Esse descuido faz dessas atitudes juvenis um viver com urgência, sem se preocupar com as conseqüências de suas ações e com o amanhã, traduzindo num intenso desejo de viver o presente.

Sobreviver, manter-se vivo, é a saga dos atletas da ultra-resistência, para desfrutar “de uma vida audaz, intrépida, uma vida atravessada pela frescura do instante, no que este tem de provisório, de precário e portanto, de intenso”¹⁹.

“Concordo que haja um desgaste físico, porém não concordo com o desgaste mental. No meu caso independente do resultado, eu sempre volto ‘rejuvenescido’ de uma ultramaratona. Parece que as melhores experiências que eu podia ter tido, eu tive”. (Camelo)

maratona se aproxima das estruturas míticas, quer devido à sua origem, quer ao seu actual funcionamento; II - a maratona se aproxima bastante dos rituais, uma vez que reatualiza o passado e é o suporte da passagem de uma condição social a outra; III - a maratona possui elementos simbólicos na sua estrutura, no seu desenrolar, bem como no discurso sobre ela mesma elementos passíveis de uma interpretação e de uma compreensão do homem no cosmos; IV - a maratona, sem ser uma religião, surge-nos como uma forma camuflada ou degradada de uma religião popular, mais interessada em manifestações festivas que propriamente, em exclusivo, em cerimónias formais” (Garcia, 1993, p. 132).

A luz no fim do túnel representa a vida, a existência e a ressurreição desses ultra-atletas, cuja saga é manter-se vivo para ir ao encontro de sua dimensão divina, momento de encontro com os deuses e heróis que habitam esse mundo divino, olímpico e sublime, conquistando assim a sua imortalidade.

Conclusões

Nos discursos dos praticantes das provas de ultra-resistência observamos que os atletas sabem o lugar e a posição que ocupam na sociedade, assim como no discurso proposto por esta a cerca de sua prática, e por isso, ao mesmo tempo em que eles declaram se entregarem aos desafio/façanhas atléticas, que aos olhos dessa mesma são grandes loucuras ou absurdos, declaram também serem seres normais como qualquer outro.

Manifestam uma tendência ao discurso autoritário, com pequenas presenças do discurso lúdico. É uma forma encontrada para manterem um equilíbrio entre a aceitação dos sentidos que imperam e a busca por novas formas de ressignificar o já dito e determinado.

O caminho encontrado pelo ultramaratonista para provar e legitimar sua existência é o risco extremo, buscando no seu limite físico e mental mostrar para todos e para si o valor da sua existência, e dessa forma, sustentar a sua identidade pessoal. Cada atleta de ultramaratona vai travar uma luta aberta, expondo seu corpo a um individualismo extremado e despindo-se dos valores morais e éticos, tão cultivados pela modernidade. São corpos exaustos, flagelados pelo sacrifício extremo de suas disputas atléticas, mas necessário para sustentar a sua identidade e dessa forma sentirem-se vivos. Uma experiência inteiramente pessoal, diálogos consigo mesmos, que lhes dão a condição de saborear tanto a força da superação de cada momento, de seus feitos anteriores, quanto suas fragilidades, a pequenez de sua vida diante da imensidão de possibilidades que é possível viver.

Referências

1. Abbagnano N. **Dicionário de filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

2. Ashcroft FM. **A vida no limite: a ciência da sobrevivência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
3. Bachelard G. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991 [Editado em francês em 1948].
4. Badwater Ultramarathon. (2009). Disponível em: <<http://www.badwater.com/>> Acesso em: 11 set. 2009.
5. Brandão JS. **Dicionário mítico-etimológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
6. Campbell J. **O poder do mito**. 18. ed. São Paulo: Palas Athena, 2000.
7. Campbell J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1949.
8. Chevalier J, Gheerbrant A. **Dicionário de símbolos**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
9. Coiceiro GA, Costa VLM. The social imaginary world of extreme adventures: a study of Annapurna. **Fiep Bulletin** 2006;76:511-515.
10. Costa V. **Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas**. Rio de Janeiro; 1999. [Tese de Doutorado em Educação Física - Universidade Gama Filho].
11. Etymoline. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 20 set. 2009.
12. Fixx J. **Jim Fixx's second book of running**. New York: Random House, 1980.
13. Garcia R. **O desporto no universo mítico-religioso: os modelos existenciais revelados pela corrida da maratona**. Porto, 1993. [Tese de Doutorado - Universidade do Porto].
14. Kamler K. **O corpo no limite**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
15. La Mendola S. O sentido do risco. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP** 2005;17(2):14-27.
16. Le Breton D. **Passions du risque**. Paris: Métailié, 1991.
17. Le Breton D. Playing symbolically with death in extreme sports. **Body and Society** 2000;6(1):1-11.
18. Le Breton D. **Conduta de risco**. São Paulo: Autores Associados, 2009.
19. Mafessoli M. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.
20. Melo R. **Aventura de escalar montanhas: morrer e renascer para a eternidade**. Rio de Janeiro; 2005. [Tese de Doutorado em Educação Física - Universidade Gama Filho].
21. Noakes TD. **Lore of running**. Champaign: Human Kinetics Publishers, 2003.
22. Orlandi EP. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.